



V ENJIE

Encontro Nacional de Jovens
Investigadores em Educação

Livro de Atas



SER MUNDO - CRIANÇAS EM CONEXÃO COM A NATUREZA

Ana Rasteiro

Universidade de Évora
ana.rasteiro@hotmail

Maria Assunção Folque

Universidade de Évora
maf@uevora.pt

Mariana Valente

Universidade de Évora
mjv@uevora.pt

Resumo

A investigação, que aqui se apresenta, surge no âmbito de um Doutoramento em Ciências da Educação. Tem como questão de partida “Compreender de que forma as experiências diretas, continuadas e sensíveis de crianças entre os 3 e os 6 anos, em contextos naturais, ressignificadas através de diversas linguagens, são vistas pelas crianças;” o estudo tem como objetivos contribuir para um conhecimento conceptual e praxiológico sobre educação para a sustentabilidade ambiental e investigar os processos e os impactos de experiências de imersão-afetação-compreensão-criação-intervenção das crianças na relação com o mundo natural, privilegiando as suas vozes e significados produzidos ao longo do processo.

O quadro conceptual valoriza o ser mundo e o desenvolvimento de conexões múltiplas incluindo o humano e o não humano. Refletimos sobre a atual desconexão do ser humano com o mundo natural, que apresenta consequências ameaçadoras para o ambiente.

Recorremos, assim aos conceitos de “*becoming with*” e “*Worlding*” de Donna Haraway (2008), que nos remetem para o envolvimento

ativo do ser humano com a materialidade e o contexto onde as interações ocorrem.

O estudo, de natureza qualitativa, desenvolve-se através de processos de investigação-ação-formação realizados numa perspetiva cíclica, onde será constituída uma Comunidade de Práticas de Educadores de Infância na qual se discutem problemas, conceitos, perspetivas teóricas, estratégias, processos e resultados da escuta das crianças, e se planificam as atividades de imersão-afetação em contextos naturais e posteriores revisitações através de diferentes linguagens artísticas e tecnológicas.

As ressignificações das experiências que as crianças expressam através de diversas linguagens e modalidades de registos obtidos durante todo o processo, irão constituir o corpo dos dados de análise que nos permitirão dar resposta à questão de partida e objetivos do estudo, assim como potenciar a reflexão dos profissionais no sentido de promover uma educação ambiental efetiva e de qualidade.

Palavras-chave: Mundo Natural; Educação para Sustentabilidade na Infância; Vozes das Crianças.

Introdução

Vivemos uma progressiva desconexão com o mundo natural. Diversos investigadores têm vindo a expressar uma enorme preocupação com as consequências ameaçadoras que esta desconexão, aliada ao consumo excessivo de recursos e superprodução de resíduos, tem para o planeta (Schultz, 2002; Kesébir & Kesébir, 2017; Barros, 2018; Ribeiro et. Al, 2018). Como viver e educar nas ruínas do Antropoceno? Questão que preocupa diversos educadores e pensadores. (Louv, 2005, Haraway, 2008, Tsing, 2015, Ilhéu & Valente, 2019).

Olhando para as gerações mais jovens, nomeadamente as crianças em idade pré-escolar, encontramos-las também a elas cada vez mais institucionalizadas, comprometidas na sua liberdade e oportunidade de interagir e de desenvolver uma relação de pertença à natureza.

Ora, a educação de infância tem aqui um papel de destaque na medida em que pode (e deve) criar condições para a promoção de experiências sensoriais, estéticas e significativas das crianças no mundo natural, que perdurem no tempo. Pretende-se promover o sentido de pertença à Terra, no envolvimento, não hierarquizado, com seres diversos, contribuindo para uma maior apreciação e compreensão da natureza. Pretende-se potenciar uma maior consciencialização para um mundo mais sustentável. Partilhamos a ideia que a educação

não necessita apenas de um desenvolvimento da nossa consciência ecológica, mas também de uma maior curiosidade sobre o apego - ou até mesmo amor - pelo mundo natural (Gray & Birrell, 2015).

Neste texto apresentamos um projeto de Doutorado em Ciências da Educação em que pretendemos, através da promoção de práticas de educação ambiental assentes em experiências de relação de crianças, entre os 3 e os 6 anos, com o mundo natural, conhecer o ponto de vista das próprias crianças, as suas conceções, representações e modos de se relacionar com o mundo em que habitam, ao mesmo tempo que pretendemos promover a reflexão dos educadores de infância em comunidade de práticas como promotores de momentos relacionais das crianças numa perspetiva de afirmação de cidadania e educação para a sustentabilidade .

Elegemos, desta forma três temáticas no quadro concetual que sustentam esta investigação: Desconexão do ser humano com o Mundo natural; A criança no Mundo; e Educação para a sustentabilidade na infância.

A pandemia gerada pela Covid-19, que atualmente vivemos veio acentuar modos de viver não inclusivos de outras espécies de outros seres. Mais urgente se torna cultivar uma relação afetiva com o mundo. Neste sentido, este projeto de investigação procura produzir transformações pessoais e profissionais, contribuindo para a produção de novas mundividências com efeito nos modos de ser educadora, num mundo em ruínas. Para tal contribuirá o trabalho na comunidade de práticas. E procura preparar-nos para a conceção de experiências e de conversas com as crianças, e métodos para a sua escuta. O grande desafio é desenvolver uma inteligência sensível que nos permita sintonizar com as crianças que vivem experiências intensas em contextos naturais e que em conjunto, se descubra e se viva o valor dessas experiências. E são essencialmente métodos para esta aproximação que aqui pretendemos discutir. Para isso é necessária uma breve incursão ao quadro conceptual, que estará sempre em reconstrução.

Contextualização teórica

O quadro concetual deste estudo abrange três grandes temáticas, que em inter-relação procuram sustentar novos modos de compreender e de agir na área da educação para a sustentabilidade ambiental.

Começamos por olhar para a relação do ser humano com o mundo natural, e para os seus efeitos na deterioração do planeta.

As relações que temos com o mundo natural são antropocêntricas e traduzem um défice de consciência dos efeitos dos nossos gestos quotidianos e um défice de atenção aos mais que humanos. Apesar de todos sermos natureza, nascermos na natureza, o nosso corpo ter sido formado pela natureza e vivermos pelas regras da natureza (Schultz, 2002), temos vindo a separar-nos da natureza como indivíduos, sociedades e espécies.

É, neste sentido, urgente a necessidade de nos conectarmos com a natureza - que do ponto de vista etimológico traduz nascimento (algo que está sempre a nascer) - e a vê-la como redes de conexão entre seres muito diversos, desenvolvendo o que Isabelle Stengers (2019) designa pela inteligência das conexões. É a partir daí que as questões do cuidado vão emergir.

Esta conexão de que falamos pode ser clarificada através dos conceitos de “*becoming with*”- com destaque para o “*With*”- e “*Worlding*” de Donna Haraway (2008), em que “*worlding*” é um modo de ser terreno, um modo de ser que se alimenta da atenção que prestamos a uma determinada experiência, local ou encontro; é exercer o nosso envolvimento ativo com a materialidade e o contexto em que ocorrem eventos e interações (Palmer & Hunter, 2018).

De acordo com Haraway, o único caminho possível para evitar a destruição é retirando o excepcionalismo ao humano, interagindo e aprendendo com todos os seres (orgânicos ou inorgânicos) onde o “devir com” (*becoming with*) é uma prática de “devir mundano” (*becoming wordly*) (Foley, 2018).

Estes são conceitos mobilizadores nas estratégias de educação ambiental, que pretendemos desenvolver igualmente no contexto da educação na infância.

Num segundo momento, discute-se igualmente o lugar da criança no mundo, as suas perspetivas e experiências com o mundo natural.

Também na infância, o quotidiano das crianças tem vindo a sofrer alterações no que respeita às relações e interações com o mundo natural. Elliot & Davis (2018) apresentam algumas razões para esta desconexão entre as crianças e a natureza. Os tempos para brincar passaram a estar em função dos tempos dos adultos; a redução dos acessos aos espaços naturais causado pela crescente urbanização e redes de transportes; os *receios* dos pais no que concerne à segurança e risco, sujidade e condições meteorológicas adequadas para

a brincadeira das crianças nos espaços exteriores; assim como o aumento do acesso a novas tecnologias por parte das crianças, são algumas das causas encontradas pelas autoras.

De igual modo, a crescente institucionalização das crianças, onde estas se encontram por vezes ‘sequestradas’ em creches e jardins de infância (Folque, Aresta & Melo, 2018) com restrições face a saídas na comunidade, pode ser uma outra razão para este afastamento.

A necessidade de envolver as crianças num contacto continuado com o mundo natural de forma sensível, estética, íntima e experiencial capaz de provocar o espanto e o questionamento torna-se evidente. É nosso pressuposto que esta experiência significativa poderá potenciar a necessária consciencialização para a mudança de atitudes e comportamentos, catalisadoras de mudanças significativas na sociedade.

Carson (1998), já há várias décadas, tem vindo a reforçar a necessidade de os adultos partilharem com as crianças a excitação, o mistério, a alegria e a redescoberta pelo mundo em que vivem, de forma a manter o seu “sentido de maravilhamento”, onde é tão importante saber quanto sentir ao apresentar uma criança pequena ao mundo natural.

Para a autora, estes contactos são as sementes que mais tarde produzirão conhecimento e sabedoria, e as emoções e as impressões dos sentidos, são o solo fértil em que as sementes devem crescer. Nesta analogia, Rachel Carson diz-nos, então, que os primeiros anos da infância são a hora de preparar o solo.

Por seu lado, Haraway (2016), apresenta-nos uma visão das crianças como sendo naturalmente “*Seed Bag Carriers*” (carregadoras de sacos de sementes), que nos inspiram a coabitar num mundo multi-espécies.

Uma educação de carácter experiencial ao ar livre assume-se, assim, como uma abordagem chave na conexão da criança com a Educação para a Sustentabilidade. Ward (2017) afirma que a introdução de programas e atividades no mundo natural nos currículos escolares e o envolvimento da educação pré-escolar em projetos de “ecologização” da comunidade são essenciais para uma efetiva educação para a sustentabilidade. Este tipo de programas e atividades potenciam o pertencer com, ser com e tornar-se com (*belonging with, being with e becoming with*) a natureza.

Neste momento, importa ainda discutir a visão de criança que está na base desta investigação a partir de uma análise evolutiva.

Se por um lado as crianças foram (e ainda são) vistas pela sua “negatividade constituinte”, vistas pelo que ainda não fazem ou ainda

não são, consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial (Sarmiento, 2004), por outro, nas últimas décadas tem-se vindo a assumir uma conceção de criança ativa, competente, produtora de cultura e detentora de direitos, que participa na vida social (Fernandes, 2009; Tomás, 2011; Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016;). Esta é uma visão de criança cidadã, que pode (e deseja) contribuir para a transformação do mundo que a rodeia (Robinson & Vaealiki, 2018; Folque 2017).

Uma outra perspetiva surge, no entanto, através de Waldermarriam & Wals (2020) que descentralizam o ser humano e aliviam as crianças de serem ou precisarem de se tornar os principais agentes de mudança. Em alternativa, importa reconhecer as multiplicidades ontológicas - as diferentes maneiras de ser e de se relacionar com os outros, humanos e não humanos.

Almeida & Damásio (2020) reforçam que “não basta dar “voz” às crianças, previamente silenciadas, para formularem a sua perspetiva sobre a realidade. Importa que sejamos capazes de acompanhar os processos através dos quais essa “voz” é construída...”.

Por fim, olhamos ainda mais profundamente para a educação para a sustentabilidade na infância. Trata-se de conceito que encara a promoção de valores, mudança de atitudes e comportamentos face ao ambiente, numa perspetiva de cidadania relacional e consciente, dinâmica e informada (Ministério da Educação, 2018), assentando no questionamento e na consciência das ligações com o mundo no seu todo (Ilhéu & Valente, 2019).

Em diversos estudos e projetos (Ji, 2018; Stuhmacke, 2018; Boyd, Hirst & Blatchford, 2018; Folque et al, 2018; Hacking, Cushing & Barratt 2019 e Åralemalm-Hadsér & Elliot, 2020) foram desenvolvidas ações que se focam na relação das crianças com a natureza, através do desenvolvimento de pedagogias centradas em experiências e vivências no ambiente natural, mas poucos incluem a perspetiva das crianças pequenas.

Face a esta ideia, parece-nos necessário compreender de que forma as crianças percecionam as suas relações com o mundo natural, privilegiando, assim, uma abordagem integrada de experiências e de saberes, mediada por diversas linguagens e a reflexão crítica das mundividências construídas por elas sobre essas relações.

Assumimos estas experiências como potenciais contribuições para uma cultura de proximidade sensível entre todos os elementos humanos e não humanos da Terra, e consequentemente favorecer uma

Educação para a Sustentabilidade ativa, transformadora e orientadora no respeito e cuidado pelo ambiente.

Quando falamos de Educação para a Sustentabilidade na Infância, encontramos duas grandes linhas de ação: por um lado a imersão da criança no mundo natural, por outro, a procura de soluções para os problemas ambientais, mas ressalta algo comum em ambas, o CUIDADO, a habilidade de construir respostas, qualidade que Haraway (2016) sintetiza com a expressão “*response-ability*”.

Estas visões levam-nos à necessidade de repensar a formação dos educadores de infância nesta área, orientando para práticas experienciais com o mundo natural, tornando-nos seres com mais mundo (becoming with).

Incluir a educação para a sustentabilidade na formação dos educadores e professores ajudará a reforçar a compreensão de que as crianças têm o direito a conhecer os seus ambientes e interagirem com eles de variadas formas e continuamente (Ward, 2017). Aqui, os educadores desempenham um papel único no envolvimento das crianças e aprofundamento das suas conexões com o ambiente natural que as rodeia, potenciando, assim o crescimento de pessoas responsáveis e participativas na orientação da humanidade através de processos de coabitação sustentável com a terra (Chawla & Cushing, 2007).

A necessidade urgente de práticas ambientais de qualidade, experienciais e significativas das crianças pequenas com o mundo natural, são vistas por Payne (2017) como uma forma alternativa de ‘intervenção precoce’ de educação ambiental. Serão então, estas práticas que permitirão sustentar lentamente as próximas gerações. Dada a complexidade das questões que estão inscritas nesta investigação espera-se uma multiplicação de métodos de trabalho em rede.

Metodologia

Esta investigação pretende dar resposta à questão de partida: “Compreender de que forma as experiências diretas, continuadas e sensíveis de crianças entre os 3 e os 6 anos, em contextos naturais, ressignificadas através de diversas linguagens, são vistas pelas crianças “e conta com dois objetivos gerais. O estudo aqui apresentado faz parte de um projeto de investigação mais amplo – **Outgoing – crianças em relação com natureza e cultura**. Este projeto visa contribuir para um conhecimento conceptual e praxiológico sobre educação para a

sustentabilidade ambiental e investigar os processos e os impactos de experiências de imersão-afetação-compreensão-criação-intervenção das crianças na relação com o mundo natural, privilegiando as suas vozes e significados produzidos ao longo do processo, através de diversos modos de escuta ativa.

Neste contexto identificamos os seguintes objetivos específicos: Promover práticas de educação ambiental assentes em experiências significativas de relação com o mundo natural, através de abordagens participativas, sensíveis, estéticas e criativas das crianças entre os 3 e os 6 anos; Conhecer as conceções, representações e modo de se relacionar das crianças com o mundo natural; Aprofundar, por via de diferentes linguagens (artísticas, tecnológicas, verbal e não verbal, etc.), uma compreensão e produção de significados que reforcem a afirmação de cidadania das crianças enquanto seres ecológicos; e Compreender as mudanças no modo das crianças conceberem, representarem e se relacionarem com o mundo que habitam ao longo do estudo.

Centrado nas dimensões naturais e ambientais da sustentabilidade, o foco central deste projeto assenta na visão concetual e na perspetiva relacional das crianças com o mundo natural. Contempla ainda o ponto de vista dos educadores de infância envolvidos, numa perspetiva relacional e formativa da Educação para a Sustentabilidade na Infância.

Trata-se de um estudo de carácter qualitativo, que procura interpretar, intervir e criar novos olhares, novas práticas e mudanças qualitativas. Tem, deste modo, como principal foco de interpretação os olhares dos participantes, com especial ênfase para as vozes das crianças.

Numa modalidade de Investigação-Ação-Formação, o desenvolvimento do estudo assentará na construção de uma Comunidade de Práticas com 15 educadores de infância (dos concelhos de Setúbal, Lisboa e Évora), e os respetivos grupos de crianças, onde numa perspetiva cíclica, se discutem problemas, conceitos, perspetivas teóricas, estratégias, processos e resultados da escuta das crianças, e se planificam as atividades *Outgoing* (atividades de imersão-afetação em contextos naturais). Nas sessões de trabalho e de imersão na natureza, entre educadores, a prática do “becoming with”, fará habitar a comunidade de práticas pela *simpoiesis* (criação em conjunto). De acordo com Haraway (2008), é através da *simpoiesis* que podemos fazer face às ruínas do antropoceno.

Desta forma, no sentido da *simpoiesis*, as atividades de cada grupo poderão ter elementos comuns decididos com base nos proces-

tos reflexivos feitos pelos educadores nas Comunidades de Práticas, porém, certamente terão características e dinâmicas diferenciadas resultantes das especificidades e interesses de cada grupo de crianças, assim como das características dos contextos educativos. As saídas aos espaços naturais podem ocorrer semanalmente nas imediações dos contextos educativos e mensalmente a locais mais distantes, onde os diferentes participantes registam aspetos significativos e temáticas de interesse, através de gravações áudio e vídeo, fotografias, observações naturalistas registadas em notas de campo, recolha de elementos da natureza, desenhos, produções e narrativas das crianças, que servirão de base para dar continuidade às experiências nos Jardins de Infância.

Trata-se, portanto, de uma abordagem etnográfica participativa, onde se utiliza a cartografia como modo de investigação que permite a imersão e experimentação com o mundo e na valorização de uma visão múltipla (estética, pedagógica e ecológica) criando um espaço para as múltiplas vozes em unísono ou em dissidência (Folque, & Bezelga, 2017).

Almeida & Damásio (2020) reforçam que na cartografia infantil devemos abandonar o referencial que “investiga as crianças no mundo, ou até as suas representações sobre o mundo, para passarmos a considerar uma proposta que acompanha os encontros das crianças com o mundo”, onde se observam movimentos, encontros, relações e processos com o mundo.

Neste sentido, as explorações que emergem das vivências das crianças nos contextos naturais, serão então complementadas nos contextos educativos, através de revisitações das experiências, mediante processos de (re)criação, reprodução e ampliação, utilizando diversos materiais e linguagens (plástica, música, dança, corporal, drama, verbal, escrita), como o recurso a diferentes tecnologias digitais (microscópios, projetores, caixas de luz, lupas digitais, etc.) de forma a aumentar a possibilidade de ampliar e enriquecer os olhares das crianças.

Os diferentes registos que serão obtidos durante o processo, podendo estes ter origem dentro ou fora dos contextos educativos, assim como todas as participações verbais e não verbais das crianças durante as atividades, darão origem a um conjunto de dados de análise que, trabalhados na Comunidade de Práticas, serão encarados como modos de escuta privilegiados para compreender os significados e as conceções que se vão construindo no que respeita à relação das

crianças com o meio que as rodeia (Rinaldi, 2016). Esta escuta dá-se através de diálogos sustentados, no contexto de diversas atividades, onde se procuram formas criativas para que as crianças possam expressar as suas perceções e apreciações (Folque, 2010).

A escuta das crianças é a forma que o adulto tem para se conectar com as suas realidades, vivências, necessidades e interesses, mas também compreender que de forma elas assimilam o mundo à sua volta, pelo que assume diversas formas. Passa claramente por ouvir o que estas nos dizem, mas vai mais além das palavras. Contempla a leitura do corpo, através da observação direta e sensível das suas experiências e a sua expressividade e construção de representações do mundo através das suas produções. Dar voz à criança é, neste contexto, inclui-la como participante no processo de investigação (Marchão & Henriques, 2018).

Embora o foco da investigação seja a compreensão das conceções e representações das crianças em relação com o meio natural, com vista para a educação para a sustentabilidade, serão igualmente analisadas as reflexões resultantes da Comunidade de Práticas dos Educadores de Infância, assim como as evidências da evolução/construção pessoal e profissional da educadora/investigadora.

As conclusões resultantes deste processo serão o meio privilegiado para a contribuição da melhoria das práticas de cada educador participante e posteriormente, de outros profissionais de educação, no que respeita à Educação para a sustentabilidade e reconhecimento de valores fundamentais na relação que temos com a Terra.

Conclusões

Este projeto, inserido numa investigação mais ampla que visa promover a Educação para o Desenvolvimento Sustentável na Educação de Infância de qualidade, irá centrar a sua ação na análise da perceção das crianças perante as experiências diretas, continuadas e sensíveis com o mundo natural.

Ainda sem a existência de resultados da intervenção, a situação atual veio demonstrar a pertinência da investigação. Estamos perante a necessidade urgente de transformar a nossa relação com o mundo natural, onde o ano de 2021 é o ponto de viragem para fazer as pazes com a natureza, com vista a um mundo mais sustentável e inclusivo (Guterres, 2021, p.4), e onde a criança se assume como um

“garante natural do desenvolvimento sustentável”, crescendo e tendo a capacidade para resolver problemas. (Tonucci, 2020, p.178). Para que isso aconteça torna-se essencial que os adultos garantam essa a possibilidade de participação à criança, começando por promover a sua relação com o mundo em que vive.

Referências

- Almeida, T. & Damásio, S. (2020). Cartografias Infantis: entre o espaço e a criação de outros mundos possíveis, *Escola Moderna*, 8, 21-28.
- Årlemalm-Hagsér, E. & Elliott, S. (2020). Analysis of Historical and Contemporary Early Childhood Education Theories in Elliott, S.; Årlemalm-Hagsér, E & Davis, J.; *The Anthropocene Researching early childhood education for sustainability: Challenging Assumptions and Orthodoxies*, (1ªEd., pp. 3-12). Routledge
- Barros, M. (2018). *Deremparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza*, Criança e Natureza. https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf
- Boyd, D.; Hirst, N. & Siraj-Blatchford, J.; (2018); *Understanding sustainability in early childhood education – case studies and Approaches from across the UK*, Routledge
- Carson, R. (1998). *The Sense of Wonder – a celebration of nature for parents and children*. Harper & Row Publishers
- Chawla, L. & Cushing, D. (2007). Education for strategic environmental behavior. *Environmental Education Research*, 13(4), 437-452
- Elliott, S. & Davis, J. (2009). Exploring the resistance: An Australian perspective on educating for sustainability in early childhood. *International Journal of Early Childhood*, 41(2), 65-77
- Fernandes, N. (2009). *Infância, direitos e participação. Representações, Práticas e Poderes*. Edições Afrontamento
- Foley, C. (2018). “Multi-species worlding on a toxic planet and other stories for earthly survival: a paper and some posters”, *Senior Capstone Projects*, 768.
- Folque, A. (2010). Interviewing young children in G. M. Naughton, S. A. Rolfe and I. Siraj-Blatchford. (Eds.) (2ª ed., 239-260) *Doing early childhood research*. Open University Press
- Folque, M. A. & Bezelga, I. (2017). Percursos e Encontros no Centro do Mundo. In M. A. Folque & I. Bezelga (Org.) *Traços de Ar, Terra, Água, e Fogo na perspectiva de crianças*, 5-7. Universidade de Évora
- Folque, M. A. (2017). Yes, we can! Young children learning to contribute to an enabling society. In Huggins, V. & Evans, D. (eds), *Early Childhood Care and Education for Sustainability: International perspectives* (pp.67-81). Routledge

- Folque, M., Aresta, F. & Melo, I.; (2018). Construir a sustentabilidade a partir da infância; *Infância na Europa hoje – Infância, Natureza e Sustentabilidade*, (2), 26-3
- Gray, T. & Birrell, C. (2015). “Touched by the Earth”: a place-based outdoor learning programme incorporating the Arts, *Journal of Adventure Education and Outdoor Learning* 15(4), 330-349. <http://doi.org/10.1080/14729679.2015.1035293>
- Hacking, E., Cushing, D. & Barratt, R. (2019). Exploring the Significant Life Experiences of Childhoodnature. In A. Cutter-Mackenzie-Knowles, A. Malone, K. Malone, & E. Hacking, (Editors), *Research Handbook on Childhoodnature Assemblages of Childhood and Nature*, Springer Nature Switzerland, 759-777
- Haraway, D (2008). *When Species Meet*, University of Minnesota Press
- Haraway, D. (2016). *Staying with the Trouble - Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press
- Ilhéu, M. & Valente, M. (2019). O Empirismo Delicado e o Romance na Educação para a Sustentabilidade. In: A. Neilson e J. Silva (eds), “*Ensaiai Arte e Ciência para religar natureza e cultura*”. Teatro do Frio, 57-69
- Ji, O. (2018). Education for sustainable development in early childhood in Korea. In J. Davis, *Young Children and the Environment- Early education for sustainability* (2ªEd., pp.276-286). Cambridge University Press
- Kesebir, S. & Kesebir, P. (2017). A Growing Disconnection from Nature Is Evident in Cultural Products, in *Perspectives on Psychological Science*, 12(2) 258–269
- Louv, R. (2005). *Last Child in the Woods- Saving our children from Nature-Deficit Disorder*, Atlantic Books
- Marchão, A.; Henriques, H. (2018). Investigação com crianças: reflexão sobre a escuta das vozes das crianças através de processos de entrevista. *Ediciones Universidad de Salamanca Aula*, 24, 135-144
- Ministério da Educação (2018). *Referencial De Educação Ambiental Para A Sustentabilidade a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*, ME
- Palmer, H. & Hunter, V. (2018). *Worlding*. New Materialism. <https://newmaterialism.eu/almanac/w/worlding.html>
- Payne, P. G. (2018). Early years education in the Anthropocene: an ecophenomenology of children’s experience. In M. Fleer, & B. van Oers (Eds.), *International Handbook of Early Childhood Education* (Vol. 1, pp. 117-162). (Springer International Handbooks of Education). Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-024-0927-7_6.
- Ribeiro, I.; Firmino, A.; Raposo, M.; Ilhéu, M.; Franco, S. (2018). Caminhadas na natureza como exercício de autoconhecimento: conduzindo à felicidade autêntica, in Revista *Hipótese*, 4(3), 20-37
- Rinaldi, C. (2016). A Pedagogia da escuta: a perspetiva da escuta em Reggio Emilia. In Edwards, C., Gandini, L; Forman, G. (Org). *As cem linguagens da criança- a experiência de Reggio Emilia em transformação*. Penso Editora

- Robinson, L. & Vaealiki, S. (2018). Ethics and pedagogy at the heart of early childhood education for sustainability. In J. Davis, *Young Children and the Environment- Early education for sustainability* (2ªEd., pp.103-123). Cambridge University Press
- Sarmiento, M. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: M. Sarmiento & A. B. Cerisara (org), *Crianças e miúdos. Perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação* (pp.9-34). Ed. Asa
- Shultz, P. W. (2002). Inclusion with nature: The psychology of human-nature relations. In P. Schmuck & W. P. Schultz (Eds.), *Psychology of sustainable development* (pp. 61–78). Kluwer Academic Publishers. https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0995-0_4
- Silva, I., Marques L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)
- Stengers, I. (2019). *Résister au désastre*. Wild Project.
- Stuhmcke, S. (2018). The Children's environment project: Developing a transformative project approach with child in a kindergarten, In Davis, J. (2018), *Young Children and the Environment- Early education for sustainability* (2ªEd, 225-250). Cambridge University Press
- Tomás, C. (2011). «Há muitos mundos no mundo» *Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Edições Afrontamento.
- Tonucci, F. (2019). *A cidade das crianças- um modo do pensar a cidade*. Editora Kalandranka
- Tsing, A. (2015). *The Mushroom at the End of the World*. Princeton university Press.
- United Nations Environment Programme (2021). *Making Peace with Nature: A scientific blueprint to tackle the climate, biodiversity and pollution emergencies*. <https://www.unep.org/resources/making-peace-nature>
- Ward, K. S. (2017). Econnection in Early Childhood Education: Synergies. In *Inquiry Arts Pedagogies and Experiential Nature Education*. <https://doi.org/10.4225/35/5a39a42c85b42>
- Weldemariam, K., & Wals, A. E. J. (2020). From Autonomous Child to a Child Entangled within an Agentic World: Implications for Early Childhood Education for Sustainability. In S. Elliott, E. Årlemalm-Hagsér, & J. Davis (Eds.), *Researching Early Childhood Education for Sustainability : Challenging Assumptions and Orthodoxies* (pp. 13-24). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429446764-2>